

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Práticas Narrativas Coletivas: revisão de literatura e sistematização teórico-prática

Paula Romite

Uberlândia, MG

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Práticas Narrativas Coletivas: revisão de literatura e sistematização teórico-prática

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de pesquisa: Processos Psicossociais em Saúde e Educação.

Orientanda: Paula Romite

Orientador: Dr. Emerson Fernando Rasera

Uberlândia, 2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R765 2023	Romite, Paula, 1991- Práticas Narrativas Coletivas: revisão de literatura e sistematização teórico-prática [recurso eletrônico] / Paula Romite. - 2023. Orientador: Emerson Fernando Rasera. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.271 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações. 1. Psicologia. I. Rasera, Emerson Fernando, 1972-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Psicologia. III. Título. CDU: 159.9
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 422, PPGPSI				
Data:	Vinte e três de junho de dois mil e vinte e três	Hora de início:	9:00	Hora de encerramento:	11:15
Matrícula do Discente:	12122PSI027				
Nome do Discente:	Paula Romite				
Título do Trabalho:	Práticas Narrativas Coletivas: revisão de literatura e sistematização teórico-prática				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Construcionismo social, práticas terapêuticas e mudança social				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Cintia Braghetto Ferreira - UFTM; Laura Vilela e Souza - USP; Emerson Fernando Rasera, orientador da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que a Prof.^a Dr.^a Cintia Braghetto Ferreira participou da cidade de Uberaba - MG, a Prof.^a Dr.^a Laura Vilela e Souza participou da cidade de Ribeirão Preto - SP, o Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera desde a cidade de Uberlândia - MG e a candidata da cidade de Curitiba - PR, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Emerson Fernando Rasera apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Emerson Fernando Rasera, Presidente**, em 23/06/2023, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Cintia Bragheto Ferreira, Usuário Externo**, em 23/06/2023, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Laura Vilela e Souza, Usuário Externo**, em 23/06/2023, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4536046** e o código CRC **EB2C4007**.

Resumo

As Práticas Narrativas Coletivas ofertam alternativas não patologizantes de cuidado psicossocial em contextos comunitários de profundo sofrimento social, contribuindo com o movimento social e minimizando a colonização psicológica. Apesar da relevância social das Práticas Narrativas Coletivas, nota-se que seu caráter é recente e original, havendo pouca difusão de estudos teórico-científicos acerca destas práticas. Assim, essa investigação sobre as Práticas Narrativas Coletivas permite ampliar o olhar dessas práticas a partir de dois estudos distintos: por meio de uma revisão da literatura que analisa como as Práticas Narrativas Coletivas são realizadas como intervenção de cuidado psicossocial; e por meio de um ensaio teórico que mapeia as motivações práticas, influências teórico-técnicas, princípios organizadores e metodologias de tais práticas. O primeiro estudo apontou como muitas intervenções são desenvolvidas por coordenadores, contextos e populações diferentes das originalmente propostas pelos seus criadores, convidando a uma reflexão sobre a importância da articulação dos fundamentos teórico-técnicos dessas práticas. O segundo estudo realiza um resgate e sistematização teórico-prática, oferecendo a aspirantes e terapeutas narrativos um embasamento para o desenvolvimento de tais práticas. Tais estudos se interseccionam e contribuem para a literatura científica ao apresentarem um panorama complexo sobre a utilização e os fundamentos das Práticas Narrativas Coletivas.

Palavras-chave: práticas narrativas coletivas; revisão de literatura; terapia narrativa; comunidade; saúde mental.

Abstract:

Collective Narrative Practices offer non-pathologizing psychosocial care alternatives in challenging community contexts of deep social suffering, contributing for social movement and minimizing psychological colonization. Despite the social relevance of Collective Narrative Practices, it is noted that its character is recent and original, with little diffusion of theoretical-scientific studies about these practices. In this sense, this dissertation about Collective Narrative Practices allows to broaden the view of these practices from two distinctive researches: for a bibliographic review that analyzes how Collective Narrative Practices are carried out as psychosocial care intervention; and, for a theoretical essay that maps the practical motivations, theoretical-technical influences, organizing principles and methodologies of such practices. The first study pointed out how interventions are developed by coordinators, contexts and populations that are different from those originally proposed by their proponents, inviting reflection on the importance of articulating theoretical-technical foundations of these practices. The second study develop theoretical-practical systematization, offering aspiring and narrative therapists a foundation for the development of such practices. Such articles intersect and contribute to the scientific literature by presenting a complex overview of how narrative therapists use Collective Narrative Practices.

Keywords: collective narrative practices; literature review; narrative therapy; community; mental health.

SUMÁRIO

Apresentação.....	2
Parte I – Práticas Narrativas Coletivas ou terapia narrativa em grupo? Uma revisão da literatura.....	5
Parte II – Práticas Narrativas Coletivas: Motivações, influências, princípios e metodologias.....	30
Considerações finais.....	54
Anexos.....	57

APRESENTAÇÃO

As Práticas Narrativas Coletivas apresentam um olhar da terapia narrativa em direção ao contexto comunitário, permitindo ao terapeuta ofertar formas alternativas não patologizantes de cuidado psicossocial em contextos desafiadores de profundo sofrimento social. Ao mesmo tempo, estas práticas têm o potencial de gerar transformações sociais, estimulando o ativismo sociopolítico deste terapeuta narrativo.

Rompendo as paredes delimitadas da clínica tradicional e caminhando em direção a contextos coletivos desafiadores, o interesse no estudo acerca deste tema decorre de duas áreas profissionais em que atuo: a psicologia social e a psicologia clínica. Alio, à união dessas duas áreas de atuação, o meu interesse pessoal, acadêmico e profissional pelo Construcionismo Social, perspectiva filosófica e epistemológica que embasou as discussões, reflexões e o processo de construção destas pesquisas.

Apesar da relevância social das Práticas Narrativas Coletivas, nota-se que seu caráter é recente e original, havendo pouca difusão de estudos teórico-científicos acerca destas práticas no Brasil. Em um contexto global, percebe-se majoritariamente registros de intervenções que priorizam o uso das suas metodologias, porém, nem sempre alinhadas aos seus princípios fundamentais. Nesse sentido, esta dissertação promove estudos inéditos acerca deste tema indo ao encontro dessa problemática.

Situando-se na linha de pesquisa de Processos Psicossociais em Saúde e Educação, esta investigação promove, por um lado, análises sobre como as Práticas Narrativas Coletivas estão sendo utilizadas pelos profissionais enquanto cuidado psicossocial, bem como reflexões críticas aos terapeutas narrativos acerca das consequências de tais intervenções. Por outro lado, interrelacionando-se com os resultados de tal processo de pesquisa, constrói uma resposta aos

apontamentos iniciais levantados, promovendo um resgate sistematizado dos conceitos teórico-técnicos fundamentais de tais práticas.

Nesse sentido, esta dissertação está organizada em dois estudos: na Parte I será apresentada uma revisão sistemática da literatura intitulada “Práticas narrativas coletivas ou terapia narrativa em grupo?: uma revisão da literatura”, e na Parte II consta um ensaio teórico intitulado “Práticas Narrativas Coletivas: motivações, influências, princípios e metodologias”. Estes estudos são seguidos pelas Considerações Finais que resumem os principais resultados das duas pesquisas e seus limites, além de apontar direções para os próximos estudos na área.

Coerente com a postura filosófica Construcionista Social, ressalto que a conclusão de tal dissertação só foi possível a partir do respeito pelo processo de construção das duas pesquisas realizadas, as quais são produtos dos diálogos e reflexões promovidas nos encontros com o outro. Tais movimentos permitiram com que eu vivenciasse a verdadeira prática construcionista social, fortalecendo a crença de que o caminho se faz ao caminhar.

Em relação ao meu processo de construção enquanto pesquisadora, aproveito este espaço para agradecer a todos que estiveram presentes e, direta ou indiretamente, me auxiliaram durante o mestrado. Em primeiro lugar, ao meu orientador que, além de todo o apoio teórico e prático, sempre se mostrou presente, sensível e paciente em resposta aos meus questionamentos e dificuldades. Agradeço não apenas por ter compartilhado comigo todo o conhecimento necessário para que eu concluísse este mestrado, mas também por ter me estimulado a elevar meu pensamento crítico, qualidade que contribuiu para o meu crescimento acadêmico, pessoal e profissional. Sem dúvida eu não poderia ter desejado um orientador melhor.

Agradeço a todos os colegas mestrandos por estarem presentes em todas as fases de desenvolvimento de pesquisa, me auxiliando nos momentos de angústias e celebrando as conquistas. Agradeço também a minha família e minhas/meus amigas/os que nunca deixaram de proferir palavras de incentivo e apoio emocional nesse período.

Por fim, dedico um agradecimento especial ao Guilherme, meu companheiro de vida, que me acompanhou diariamente neste processo e sempre dedicou sua companhia e motivação necessária para que eu enfrentasse essa etapa da minha vida. As palavras são insuficientes para expressar a gratidão que sinto por sua presença ao longo desses anos.

Parte I

Práticas narrativas coletivas ou terapia narrativa em grupo?: uma revisão da literatura

Collective narrative practices or group narrative therapy?: a literature review

¿Prácticas narrativas colectivas o terapia narrativa grupal?: una revisión de la literatura

Resumo

As ‘Práticas Narrativas Coletivas’ visam atender a indivíduos, grupos e comunidades que experienciam ou experienciaram significativo sofrimento coletivo, contribuindo com o movimento social e minimizando a colonização psicológica. Este estudo analisou como as práticas narrativas coletivas estão sendo realizadas como intervenção de cuidado psicossocial. Procedeu-se a uma revisão da literatura em bases de dados científicas, no período até 2021, que resultaram na seleção de 39 artigos. A análise quanti-qualitativa e temática apontou que: há uma amplitude de usos das práticas narrativas coletivas; elas foram desenvolvidas por coordenadores, contextos e populações diferentes das originalmente propostas; a visão de problema explicita a base social do sofrimento; a visão da mudança focaliza-se nos participantes como indivíduos; e o combate à colonização psicológica se dá pela valorização do conhecimento dos participantes. Conclui-se que o modo de desenvolvimento das práticas narrativas coletivas as aproximam da terapia narrativa em grupo, assinalando a necessidade de aprimorar intervenções que visem o enfrentamento coletivo e a transformação social.

Palavras-chave: práticas narrativas coletivas; revisão de literatura; terapia narrativa.

Abstract

‘Collective Narrative Practices’ aims to serve individuals, groups and communities who experience or have experienced significant collective suffering, contributing to social movement and minimizing psychological colonization. This study analyzed how collective narrative practices are being developed as a psychosocial care intervention. A literature review was developed in scientific databases, in the period until 2021, which resulted in the selection of 39 articles. The quantitative-qualitative and thematic analysis showed that: there is a wide range of uses of collective narrative practices; they were developed by coordinators, contexts and populations different from those originally proposed; the definition of the problem considers the social basis of suffering; the view of change focuses it on participants as individuals; and the engagement against psychological colonization takes place by valuing the participants’ knowledge. In conclusion, the research demonstrates that the collective narrative practices have been developed similarly to group narrative therapy, indicating the importance of improving interventions that enable collective engagement and social transformation.

Keywords: collective narrative practices; literature review; narrative therapy.

Resumen

Las ‘prácticas narrativas colectivas’ tienen como objetivo servir a individuos, grupos y comunidades que experimentan o han experimentado un sufrimiento colectivo significativo, contribuir al movimiento social y minimizar la colonización psicológica. Este estudio analizó cómo se están realizando prácticas narrativas colectivas como práctica de atención psicosocial. Se realizó una revisión bibliográfica en bases de datos científicas, en el período hasta 2021, que resultó en la selección de 39 artículos. El análisis cuantitativo-cualitativo y temático mostró que: existe una amplia gama de usos de las prácticas narrativas colectivas; fueron desarrollados por coordinadores, contextos y poblaciones distintas a las originalmente propuestas; la visión

del problema explica la base social del sufrimiento; la visión del cambio se enfoca en los participantes como individuos; y la lucha contra la colonización psicológica se realiza valorando los conocimientos de los participantes. Se concluye que la forma en que se desarrollan las prácticas narrativas colectivas las acerca a la terapia narrativa grupal, indicando la necesidad de mejorar las intervenciones dirigidas al enfrentamiento colectivo y la transformación social.

Palavras-chave: prácticas narrativas colectivas; revisión de literatura; terapia narrativa.

Práticas narrativas coletivas ou terapia narrativa em grupo?: uma revisão da literatura

Baseadas na Terapia Narrativa de Michael White e David Epston (1990) e influenciadas pela perspectiva de mudança social de Paulo Freire (1999), as Práticas Narrativas Coletivas buscam romper o espaço delimitado das paredes do consultório tradicional e caminhar em direção ao trabalho comunitário, promovendo a socialização da prática do psicólogo narrativo. Segundo seu proponente, David Denborough, as Práticas Narrativas Coletivas são alternativas para ofertar apoio psicossocial em um contexto comunitário desenvolvidas a fim de responder aos seguintes questionamentos:

Em contextos em que o aconselhamento individual não é possível ou culturalmente apropriado, como as abordagens narrativas ainda podem ser usadas para ajudar as pessoas que estão passando por dificuldades? Onde os recursos são escassos, como podemos desenvolver abordagens narrativas que possam ser colocadas em prática por pessoas da comunidade dedicadas, abordagens que possam ser engajadas além do mundo profissional? Como as abordagens narrativas podem ser relevantes para contextos de profundo sofrimento social coletivo, como o genocídio em Ruanda e a ocupação militar da Palestina? Ao responder a histórias de sofrimento social, como nosso trabalho pode contribuir para o “movimento social”? Ao respondermos a essas perguntas, como podemos minimizar as possibilidades de participação na colonização psicológica? (Denborough, 2012, p. 58)

Estas práticas partem do princípio de que pessoas que foram sujeitadas a traumas e dificuldades não são passivas frente a estas experiências e, ao longo do tempo, desenvolveram estratégias a fim de minimizar os efeitos dos problemas em suas vidas. Sendo assim, tais práticas possuem o potencial de explorar as habilidades desenvolvidas pelos membros da comunidade através da externalização e re-autoria (White & Epston, 1990) e deixá-las visíveis

a todos os seus membros, promovendo o senso de solidariedade, fortalecendo a cultura local e possibilitando que a comunidade trace ações de enfrentamento coletivo (Denborough, 2008; 2012). Esses princípios estão de acordo com a ideia de Paulo Freire de que “devemos nos esforçar para criar o contexto para que as pessoas desafiem a percepção fatalista de suas circunstâncias, para que possam desempenhar seu papel em fazer história” (Freire, 1999, p. 37). Nesse sentido, as práticas narrativas coletivas ofertam uma maneira de apoio psicossocial alternativa a comunidades e indivíduos que enfrentam traumas, e baseiam-se nos princípios da terapia narrativa apresentando potencial de desafiar os discursos sociais dominantes saturados de problemas, fortalecendo o conhecimento local dos participantes em oposição ao conhecimento trazido pelo especialista, além de abordar assuntos emocionalmente complexos sem revitimizar os participantes. (Casdagli et al, 2017; Hung, 2011; Nyirinkwaya, 2020).

Com intuito de explorar o conhecimento coletivo, os profissionais se utilizam de metodologias de fácil aplicação e metáforas que são ressonantes às comunidades, considerando a sua cultura popular. Nesse sentido, foram desenvolvidas metodologias originais como a “Árvore da Vida” (*Tree of life*) (Ncube, 2006), a fim de trabalhar com crianças que vivenciaram muitas perdas e encontravam-se em situação de negligência e/ou violência; “Time da Vida” (*Team of Life*) (Denborough, 2008), para permitir a expressão de jovens que vivenciaram graves dificuldades; listas de resistência psicológica e social, utilizadas com pessoas em contextos de guerra e conflito armado; linhas do tempo das narrativas coletivas e mapas da história, que viabilizam os participantes a compartilhar histórias pessoais conectadas ao tema coletivo; documentos coletivos, e canções de sustento (Denborough, 2008).

Portanto, a importância da análise, pesquisa e disseminação de conteúdos acerca das práticas narrativas coletivas tem o potencial de auxiliar os profissionais a refletirem sobre formas alternativas, não patologizantes de prática profissional, além de promover a mudança e transformação social junto a diversas populações, pois, as práticas narrativas coletivas não

apenas possuem o potencial de externalizarem e elaborarem os problemas, estas possibilitam contribuições coletivas, ação que é consoante ao exposto por Freire (1999), “temos a responsabilidade de criar formas de compreensão das realidades políticas e históricas que gerem possibilidades de mudança” (p. 37).

Em uma perspectiva narrativa, os terapeutas desconstróem as ideias culturais que contextualizam o problema do cliente para demonstrar os efeitos das práticas sociais opressivas sobre estes, convidando à reflexão das práticas culturais que produzem estas narrativas dominantes. Segundo Monk e Gehard (2003), o terapeuta narrativo é um ativista sociopolítico, uma vez que essa representação implica “que os praticantes da terapia narrativa propõem intervenções políticas, dirigindo-se mais diretamente para o impacto dos fatores culturais e históricos sobre as experiências-problema” (p.23) apresentadas pelo cliente. Com intuito de promover a ação política dentro e fora da terapia, os terapeutas narrativos abordam pautas políticas intrínsecas à desconstrução, visando um resultado socialmente justo para os seus clientes.

A partir deste contexto, considerando o caráter recente e original das práticas narrativas coletivas, sua potencial contribuição teórico-metodológica e sua relevância social, este estudo teve como objetivo analisar como estão sendo desenvolvidas as práticas narrativas coletivas, especialmente quando utilizadas como intervenção de cuidado psicossocial. Para responder ao objetivo do estudo, foi realizada uma revisão da literatura sobre as práticas narrativas coletivas envolvendo uma descrição das características gerais das publicações e uma análise das características das intervenções desenvolvidas. Ressalta-se que revisões de literatura anteriores (Parham et al, 2019; Lock, 2016) sobre a temática se restringiram ao estudo da metodologia narrativa coletiva da “Árvore da Vida” (*Tree of Life*), apenas uma das metodologias que referem-se as práticas narrativas coletivas, deixando em aberto a análise sobre outras práticas narrativa coletivas.

MÉTODO

A revisão da literatura foi realizada a partir da perspectiva epistemológica construcionista social. Assim, a revisão de literatura deixa de ser uma busca por representar um panorama sistemático e avaliativo das pesquisas em uma área, que identifica lacunas e contradições e almeja produzir um conhecimento cumulativo sobre o real. A revisão é entendida como uma prática de pesquisa que reconhece que as publicações, os bancos de dados, e descritores são permeados por processos sociais que legitimam e produzem determinados sentidos sobre o mundo (Spink, 2013). Nessa perspectiva, a revisão da literatura permite refletir sobre motivações, interesses, valores e discursos sociais que são produzidos pelos pesquisadores (Souza & Scorsolini-Comin, 2020). A partir dessa reflexão, a revisão facilita trazer os “amigos textuais”, autores significativos para o debate que se quer promover por meio do estudo da literatura (Rasera & Guanaes-Lorenzi, 2021).

Para a localização das publicações foram realizadas buscas eletrônicas em outubro de 2022, no PePSIC, Portal da CAPES, SciELO, BVS-LILACS, PsycINFO e PubMed. Essas bases de dados foram selecionadas, pois localizam artigos científicos produzidos em território nacional e internacional, em diversas áreas de conhecimento. Além disso, foi realizada busca no *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, pois realiza publicações específicas ao tema pesquisado. As buscas contemplaram o campo “all” com a expressão “prática narrativa coletiva”/“*collective narrative practice*”. O período de busca apenas delimitou o ano final, 2021, resultando um total de 163 artigos.

Para a seleção do material, inicialmente, foram descartados 7 artigos com título duplicados e, posteriormente, realizada a leitura dos resumos dos artigos. Eles foram então selecionados a partir dos seguintes critérios de inclusão: (a) formato de artigos completos em periódicos científicos, exceto revisões bibliográficas; (b) nos idiomas português, inglês e espanhol; e, (c) que continham como tema as práticas narrativas coletivas. Foram, então,

descartados 104 artigos por não contemplarem o tema, 11 por não terem sido publicadas no formato de artigo, 2 por serem revisões bibliográficas, e um por ter sido publicado em idioma distinto daqueles estabelecidos, resultando em 39 artigos que passaram para a etapa de avaliação.

Nesta etapa, os artigos selecionados foram avaliadas de forma quantitativa e qualitativa através das seguintes dimensões de análise: (1) fonte das publicações; (2) ano das publicações; (3) autores das publicações; (4) país de origem dos autores; (5) tipo de estudo; (6) uso das práticas narrativas coletivas; (7) características da prática narrativa coletiva; (8) papel do terapeuta narrativo no contexto da prática narrativa coletiva; (9) área predominante de atuação dos autores; (10) visão do problema; (11) visão da mudança; e, (12) ativismo do terapeuta narrativo. Essas dimensões de análise foram desenvolvidas com intuito de levantar respostas à questão que norteou esse estudo, bem como, de promover reflexão sobre como estas intervenções consideraram as motivações para a criação das práticas narrativas coletivas.

RESULTADOS

Características gerais das publicações

A análise das sete primeiras dimensões permitiu levantar as características gerais das publicações sobre as práticas narrativas coletivas, possibilitando mapear como os estudos acerca do tema estão sendo desenvolvidos e difundidos.

Em relação à “fonte das publicações”, os 39 artigos analisados foram veiculados em 9 periódicos, sendo 32 artigos provenientes do *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*. Os 7 artigos restantes foram veiculados em 7 periódicos diferentes das áreas da psicologia, terapia familiar, área social, psiquiatria, pediatria ou clínica geral. Considerando que a maioria dos artigos resultam do mesmo periódico, o qual é específico à disseminação de produções sobre terapia narrativa e comunitária, observa-se que a prática

narrativa coletiva parece ser privilegiada por tal comunidade, sendo pouco disseminada em outras áreas de conhecimento.

No que diz respeito ao “ano de publicação”, nota-se que as publicações sobre o tema se iniciam no ano de 2008 com 1 publicação, apresentam aumento nas publicações em 2011 (5) e oscilam até o ano de 2021, com o maior registro de publicações no ano de 2018 (7). Nos demais anos, há um artigo em 2009, um em 2010, três em 2012, três em 2015, quatro em 2016, quatro em 2017, três em 2019, dois em 2020 e cinco em 2021. Não são registradas publicações nos anos de 2013 e 2014. O ano de início das publicações em 2008 coincide com o lançamento do livro “Práticas Narrativas Coletivas: Trabalhando com indivíduos, grupos e traumas” (Denborough, 2008), que é considerado o pioneiro na elaboração de tais práticas. Nota-se que o número de publicações anual não é expressivo, indicando que há pouca produção e divulgação sobre o assunto.

Quanto aos “autores das publicações”, são identificados 64 autores. David Denborough é o autor com mais publicações, com total de 5 publicações, Troy Holland e Linda Moxley-Haegert, com duas publicações, sendo os demais autores responsáveis por um único estudo. Além da autoria de cinco trabalhos, David Denborough aparece como referência nas demais publicações, sendo o principal autor da área.

Em relação ao “país de origem” dos autores, os resultados demonstram que o país com o maior número de autores é a Austrália (22), seguido por Estados Unidos da América (13), Canadá (6), Inglaterra (5), China (4), Singapura (3), Brasil (3), e México (3), Colômbia (1), Bélgica (1), Nepal (1), Holanda (1) e Rwanda (1). Tal achado demonstra que apesar das práticas narrativas coletivas terem sido difundidas em muitos países, há o predomínio de publicações na Austrália, o qual pode ser justificado por ser onde se situa o Dulwich Centre, responsável pela publicação do periódico *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work* e onde atua o autor pioneiro das práticas narrativas coletivas.

Em referência ao “tipo de estudo”, os resultados apontaram 37 estudos qualitativos, envolvendo 30 relatos de experiência/documentos coletivos, 7 estudos teóricos, e 2 estudos quanti-qualitativos. Ressalta-se que a maioria dos artigos estão localizados no *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work* e apresentaram uma redação não convencional aos métodos científicos tradicionais, inclusive dificultando a sua categorização quanto à metodologia utilizada. Considerando os princípios de publicação desta revista nota-se que a adoção de uma metodologia tradicional de redação científica não configura um pré-requisito para aprovação dos artigos submetidos, o que é coerente com a perspectiva epistemológica e metodológica das práticas narrativas e do movimento pós moderno, o qual levanta a importância dos conhecimentos subalternos e existência de discursos plurais em oposição a narrativas únicas, sendo assim, uma crítica a uma visão cientificista e objetivista da ciência tradicional.

Em relação ao “uso das práticas narrativas coletivas”, observa-se que: 25 artigos se referem à intervenção de cuidado psicossocial, 12 à prática de pesquisa, e 2 à prática de capacitação de profissionais. Considerando a questão norteadora deste estudo, as publicações que apresentaram as práticas narrativas coletivas como intervenção de cuidado psicossocial (25) foram analisadas a fim de descrever suas principais características.

Práticas narrativas coletivas como intervenção de cuidado psicossocial

A análise dos 25 artigos a partir das seis dimensões finais permitiu compreender como tem sido desenvolvida as práticas narrativas coletivas como intervenção de cuidado psicossocial em diferentes contextos.

Características das práticas narrativas coletivas

A dimensão “características da prática narrativa coletiva” contempla a análise de quatro aspectos: participantes, objetivos das intervenções, técnicas aplicadas, número de encontros. A partir destes aspectos, foi possível explorar quais as características básicas no desenvolvimento das práticas narrativas coletivas ao serem utilizadas como intervenção de cuidado psicossocial.

Em relação aos “participantes”, os achados apontaram pessoas em situações de adoecimento ou dificuldades de desenvolvimento (cuidados paliativos, asperger, dislexia, dependência química, timidez) (5); vítimas de violência (4); crianças e jovens em escola regular e universidade (4); crianças e adolescentes em acolhimento institucional (3); refugiados (2); homens na prisão (2); casais do mesmo sexo com filhos (1); família de empresários (1); famílias com filhos (1); pessoas respondendo a dificuldades financeiras (1); pessoas da comunidade respondendo à política local (1). Nota-se que o público-alvo majoritário das intervenções são pessoas em situações de adoecimento ou que possuem dificuldades de desenvolvimento. Tais resultados demonstram que as práticas narrativas coletivas são utilizadas com participantes diversos, diferentes faixas etárias, em diferentes contextos.

Em relação aos “objetivos das intervenções”, buscou-se analisar de que forma os autores almejam mudar o problema identificado. Nota-se que as intervenções se baseiam em mais do que um objetivo. As categorias identificadas foram: a) acolher e dar visibilidade às histórias e sofrimentos dos participantes, abordando-as de forma a não retraumatizá-los (25 artigos); b) criar espaços coletivos a fim de romper o isolamento social e conectar com outros que vivenciaram as mesmas situações, estimulando a contribuição coletiva (23); c) promover reflexões que desafiem os discursos sociais dominantes, e que auxiliem na elaboração de novos projetos de vida (20). Nota-se que os objetivos das intervenções buscam por desempenhar um trabalho coerente com o que é postulado pela terapia narrativa.

Em relação às “técnicas aplicadas”, notou-se a prevalência da utilização de mais de uma técnica no desenvolvimento das práticas narrativas coletivas, tais como: reautoria (26),

documentos coletivos (25 artigos), cerimônia de definição (25), testemunhas externas (16), metodologias das práticas narrativas coletivas (tais como a “Árvore da Vida” (3), “Pipa Corporativa” (1), “Bicicleta da Vida” (1), “A Súmula Narrativa” (1), “Time da Vida” (1), “Trem da Vida” (1), “Receitas da Vida” (1), “Casa da Vida” (1) e “*Smartphone* da Vida” (1)) (11); uso de metáforas (5), *timelines*, mapas da prática narrativa e declaração de posição (2), cartas terapêuticas (1), e, *mindfulness* e meditação (1). Tais resultados denotam, de forma geral, uma riqueza de recursos e combinação de metodologias da terapia narrativa com as das práticas narrativas coletivas.

Sobre o “número de encontros”, observou-se que 14 artigos não especificam a quantidade de encontros que foram necessários para o desenvolvimento da prática narrativa coletiva, e os demais indicam distintos prazos, tais como um a dois dias de encontro (5), quatro a sete dias de encontro (4), e doze a vinte encontros (2). Tais resultados demonstram que, para muitos autores, o número de encontros não é um aspecto significativo na descrição da prática realizada. Além disso, eles sugerem que práticas narrativas coletivas podem ser aplicadas tanto como intervenção breve ou por maior período, porém, as intervenções prevalecem em um período de um a sete dias de encontro. Nota-se que na literatura não há delimitação de um período específico para aplicação destas práticas.

Papel do terapeuta narrativo no contexto da prática narrativa coletiva

Nesta dimensão, buscou-se explorar como o terapeuta narrativo descreve o seu papel no contexto da prática narrativa coletiva. Nota-se que os autores propunham mais de uma descrição sobre o seu papel no contexto da prática narrativa coletiva. Tais descrições podem ser categorizadas em: a) aplicar a dupla escuta, ao buscar a dupla narrativa nas histórias de sofrimento dos participantes, promovendo conversas de reautoria, separando as pessoas das narrativas saturadas de problemas (26); b) ser anfitriões *non-experts* que acolhem os

sentimentos dos participantes e estimulam as conversações dialógicas entre si, situando-os como experts da sua vida (26); c) atuar como *insider* e co-pesquisador, que desenvolvem a prática narrativa coletiva e igualmente vivenciam os mesmos sentimentos e experiências dos participantes, sendo tanto construtores quanto diretamente influenciados pelas reflexões produzidas no contexto coletivo (2). Desse modo, é possível notar profissionais comprometidos a promoção de uma prática humanizada e pós-moderna, sensíveis ao acolhimento e valorização dos conhecimentos trazidos pelos participantes, utilizando uma abordagem respeitosa, não julgadora e não estigmatizante.

Área predominante de atuação dos autores

Referente a esta dimensão, buscou-se analisar qual a área predominante de atuação dos autores. Os resultados apontam que 10 referem-se a psicologia, 8 ao serviço social, 2 são conselheiros profissionais, 2 são trabalhadores comunitários, 1 profissional narrativo, 1 administrador, 1 na área de medicina, 1 autor não informa a área predominante de atuação e, em um único artigo, 9 autores denominam-se genericamente como ativistas, conselheiros, terapeutas, pensadores e escritores. Nota-se que destes 35 autores, dois assistentes sociais (Chiu, 2020; Rachid, 2018 in Haegert, M. C. et al, 2018), também se identificam como membros da comunidade nas quais desenvolveram as práticas narrativas coletivas. Nesse sentido, nota-se que as práticas narrativas coletivas são utilizadas de forma majoritária por profissionais do cuidado psicossocial.

Visão do problema

Nesta dimensão, buscou-se explorar qual é a visão do terapeuta narrativo sobre o problema trazido pelos participantes. Nesse sentido, foi possível categorizar tal análise em: a) conhecimentos internos subjugados com narrativas saturadas pelos problemas vivenciados

(asperger, crianças em escola regular, jovens em universidade, cuidados paliativos, dislexia, timidez, dependência química, casais com filhos, jovens na prisão) (11 artigos); b) identidade negativamente afetada por discursos sociais opressivos e estigmatizantes (pessoas que vivenciaram violência, e casal do mesmo sexo com filhos) (5 artigos); c) vivência de situação de vulnerabilidade social (crianças e adolescentes em acolhimento institucional, pessoas de uma comunidade influenciadas por política local; pessoas de uma comunidade com dificuldades financeiras) (5 artigos); d) vivência de realocação forçada do país de origem, acometido pela guerra, para país ocidental (refugiados) (2 artigos). Ressalta-se que em dois artigos os profissionais não são claros quanto a descrição dos problemas que mobilizaram a prática da narrativa coletiva. A partir destes resultados, nota-se que os autores apontam o contexto social influenciando diretamente no sofrimento e dificuldades apresentados pelo indivíduo, apontando que as narrativas pessoais dos participantes são subjugadas por discursos dominantes e práticas normalizantes da comunidade, restringindo e prejudicando os esforços dos indivíduos para liderarem seus próprios projetos de vida.

Visão da mudança

Nesta dimensão, buscou-se explorar qual mudança o terapeuta narrativo promoveu por meio da prática coletiva. Em relação aos resultados da análise, nota-se que os estudos explanam que as intervenções atingiram mais do que um tipo de mudança. Tais mudanças puderam ser categorizadas em: a) desenvolvimento de estratégias para participantes lidarem com o problema, a partir do reconhecimento de suas habilidades e conhecimento interno (25 artigos); b) fortalecimento do senso de identidade dos participantes, desenvolvendo narrativas alternativas sobre si mesmos (14 artigos); c) desenvolvimento de senso de solidariedade entre os participantes (10 artigos); e d) desconstrução de discursos sociais opressivos e normativos, a partir das reflexões produzidas pelos participantes (8 artigos). Tais achados indicam que as

mudanças obtidas pelas práticas narrativas coletivas coincidem com aquelas postuladas pela terapia narrativa, demonstrando-se uma ferramenta efetiva para ofertar cuidado psicossocial, apesar de que as mudanças são majoritariamente observadas a nível individual dos participantes.

Ativismo do terapeuta narrativo

Tal dimensão buscou analisar se há indícios do ativismo do terapeuta narrativo e participantes para além do contexto imediato da prática narrativa coletiva, e de que forma são realizados. Nesse sentido, nota-se que em 16 artigos os autores relatam ações para além do contexto da prática narrativa coletiva e 9 artigos não levantam indícios de práticas para além da intervenção imediata. Ao analisar os 16 artigos, observam-se: a) o compartilhamento do conhecimento coletivo produzido pelos participantes (canções, cartas, panfletos informativos, textos e poemas, mapa geográfico explorando lugares de convivência comunitários, exibição de arte e exposição de conhecimentos coletivos em festa elaborada pelos participantes) no sentido de fortalecer e compartilhar os conhecimentos internos destes, abrindo um canal de comunicação entre os participantes e a comunidade (14); b) promoção de encaminhamento dos participantes atendidos para acessarem atendimentos que garantem direitos fundamentais (1); c) concessão em entrevistas em mídias sociais fornecendo orientações e informações à comunidade (1).

Tais resultados indicam que o ativismo do terapeuta narrativo, fora do contexto imediato da prática narrativa coletiva, visa, de forma majoritária, a promoção de movimentos a nível cultural, pois promovem alguma interlocução dos participantes com a comunidade ou com pessoas que enfrentam situações similares, procurando auxiliar o outro. Nota-se que apenas um estudo promove um movimento sociopolítico, no sentido em que realiza uma interlocução com

o Estado e/ou a comunidade a fim de garantir o acesso dos participantes aos seus direitos fundamentais (categoria “b”).

DISCUSSÃO

Esta revisão da literatura propôs uma análise sobre como os profissionais estão desenvolvendo as práticas narrativas coletivas, abordando características gerais das publicações e características específicas das intervenções relatadas. Em relação às características das publicações, observa-se que: a maioria dos artigos foi publicada no *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*; os quais se iniciaram em 2008, havendo ainda reduzida produção e divulgação sobre o assunto; as práticas narrativas coletivas foram difundidas em muitos países, porém há um predomínio de práticas na Austrália; as publicações compreendem, tipicamente, relatos de experiência/documentos coletivos, e assim servem como ilustração das práticas narrativas coletivas em diferentes contextos.

Em relação às características das práticas narrativas coletivas analisadas, observa-se que: o público-alvo majoritário são pessoas em situações de adoecimento ou que possuem dificuldades de desenvolvimento atendidas em contexto institucional; os objetivos e o papel do profissional são fortemente influenciados por princípios da terapia narrativa; as intervenções se desenvolvem em um período de um a sete dias de encontro; há uma riqueza de recursos e combinação de metodologias da terapia narrativa com as das práticas narrativas coletivas; seus autores são, de maneira geral, profissionais do cuidado psicossocial; a visão de problema expõe a influência do contexto social no sofrimento do indivíduo; a visão da mudança focaliza-se principalmente nos participantes como indivíduos; o ativismo do terapeuta para além do contexto de atendimento se dá majoritariamente por intervenções culturais; o combate à colonização psicológica se dá pela valorização do conhecimento interno dos participantes e minimização do papel do *expert* do terapeuta narrativo.

Ao fazer uma comparação desses resultados com as motivações para a criação das práticas narrativas coletivas, percebe-se que as intervenções diferem daquelas inicialmente propostas por estas práticas, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Identificação das motivações das Práticas Narrativas Coletivas nos estudos analisados

Motivações para as Práticas Narrativas Coletivas	Artigos que as contemplam
1- Contextos em que o aconselhamento individual não é possível ou culturalmente apropriado	Haegert, M. C. et al, 2018; Carmichael & Denborough, 2015–
2 - Locais em que os recursos são escassos	Haegert, M. C. et al, 2018.–
3 - Colocados em prática por pessoas da comunidade	Chiu, 2020; Haegert, M. C. et al, 2018–
4 - Contextos de profundo sofrimento social coletivo	Haegert, M. C. et al, 2018; Chiu, 2020; Nyirinkwaya, 2020; Carmichael & Denborough, 2015.
5 – Contribuição para o movimento social	Haegert, M. C. et al, 2018; Caulfield, 2021.–
6 - Combate à colonização psicológica (ao promover a valorização do <i>insider knowledge</i> e minimizar papel do <i>expert</i> do terapeuta narrativo)	Barton, 2017; Boucher, 2009; Carmichael & Denborough, 2015; Caulfield, 2021; Chan, 2018; Chiu, 2020; Haegert, M. C. et al, 2018; Holland, 2016; Holland et al, 2018; Hung, 2011; Leger, 2016; Moxley-Haegert, 2015; Haegert, M. C. et al, 2018; Nyirinkwaya, 2020; Polanco, 2010; Quek, 2017; Reid, 2008; Whyte, 2012; Strauven, 2016; Tan, 2017; Tse, 2016; Uribe, 2012; Val, 2018, Yee, 2018; Yuen, 2011.

Tal distanciamento é possível ser observado, inicialmente, no que diz respeito ao contexto e público-alvo, considerando que as práticas narrativas coletivas estão sendo utilizadas majoritariamente em contextos institucionais de cuidado em saúde mental, e não em locais nos quais o aconselhamento individual não é possível ou culturalmente apropriado e/ou que os recursos são escassos. Além disso, percebe-se que o público-alvo das intervenções é constituído majoritariamente por participantes em situação de adoecimento pessoal (ou com dificuldades de desenvolvimento), e não por indivíduos, grupos e comunidades que

experienciaram significativo sofrimento social coletivo (Denborough, 2008; 2012). Igualmente, tal distanciamento é observado em relação aos seus praticantes, notando-se o uso profissionalizado das práticas narrativas coletivas, no sentido em que há o predomínio do uso das práticas narrativas coletivas por profissionais do cuidado psicossocial em detrimento da utilização “por profissionais e por pessoas da comunidade” (Denborough, 2008).

Ainda, as práticas narrativas coletivas preveem o caráter sociopolítico da atuação do terapeuta no sentido que foram desenvolvidas a fim de contribuir para o movimento social e minimizar as possibilidades de participação na colonização psicológica (Denborough, 2008; 2012). Porém, os resultados deste estudo apresentam uma divergência entre visão do problema e visão de mudança, os quais, postulam visões do problema como social ao passo que as propostas de mudança são atingidas a nível individual, não notando-se uma atuação voltada ao enfrentamento coletivo, no contexto social. Nesse sentido, ainda, nota-se que os objetivos de intervenção e papéis elencados pelos profissionais se baseiam nos princípios da terapia narrativa que preveem a descentralização e externalização dos problemas, a fim de possibilitar que os clientes reescrevam a sua própria história (Morgan, 2007; White, 2007). Contudo, não apresentam efetivamente intervenções que busquem engajamento ou contemplem o ativismo social.

Nota-se que a maior contribuição do ativismo sociopolítico do terapeuta (Monk & Gehard, 2003) ocorre em relação ao combate à colonização psicológica no contexto das práticas narrativas coletivas ao valorizar o conhecimento interno dos participantes e minimizar a postura de *expert* do terapeuta (White, 2007), conforme princípios da prática da terapia narrativa (individual ou em grupo). Considerando o exposto por D'Arrigo-Patrick et al (2017, p. 580), que entende o ativismo terapêutico como “a busca intencional de atender e romper contextos e processos sociopolíticos opressores”, nota-se que apenas um projeto (Caulfield, 2021)

demonstra a tentativa em promover a interlocução com o Estado e/ou a comunidade a fim de garantir o acesso dos participantes aos seus direitos fundamentais.

A partir disso, nota-se que apesar dos profissionais nomearem suas intervenções como práticas narrativas coletivas, muitas vezes, elas são sobremaneira semelhantes com a terapia narrativa em grupo. Tal reflexão considera que a terapia narrativa em grupo é, segundo Menard et al (2018), desenvolvida a fim de apoiar o cliente como especialista em sua própria vida, abordando questões multiculturais, demonstrando-se eficaz para atender pacientes com dificuldades em relação a saúde mental (entre outros), atendendo aos sentimentos de isolamento dos indivíduos, e promovendo a exteriorização de problemas, buscando o empoderamento identitário. Estes resultados podem ser alcançados igualmente pelas práticas narrativas coletivas, porém, percebe-se que estas práticas se diferenciam da terapia narrativa em grupo ao considerar o caráter comunitário, que conforme exposto por Denborough (2012), prevê o desenvolvimento de recursos para responder a sofrimento social coletivo e contribuir para o movimento social em locais que o atendimento não é possível ou culturalmente apropriado e seus recursos são escassos, desenvolvendo abordagens narrativas que possam ser colocadas em prática por pessoas da própria comunidade.

Portanto, os resultados desta revisão da literatura podem ser interpretados por dois vieses, nos quais é possível perceber ganhos e perdas: por um lado, demonstram a versatilidade da aplicação das práticas narrativas coletivas, que podem ser aplicadas por diferentes profissionais, em diferentes participantes e contextos, e isto incide benefícios aos profissionais de instituições, os quais ganham recursos ou técnicas para desenvolver trabalhos efetivos; por outro lado, nota-se um distanciamento dos princípios e fundamentos das práticas narrativas coletivas, o que acarreta perdas no desenvolvimento de trabalhos de empoderamento e fortalecimento comunitário.

Nesse sentido, percebe-se que as práticas narrativas coletivas são oportunidade para o desenvolvimento do ativismo social, mas que não tem sido fortemente aproveitadas pelos terapeutas, no sentido em que é possível perceber nas intervenções a apropriação das técnicas e sua utilização em grupo, mas não necessariamente há o desenvolvimento de intervenções comprometidas com o caráter comunitário. Portanto, este estudo convida os terapeutas narrativos a explorar a oportunidade de desenvolver o ativismo sociopolítico ao trabalhar com as práticas narrativas coletivas, resgatando o caráter comunitário destas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se que esse estudo contribui para a literatura científica por disseminar conhecimentos sobre as práticas narrativas coletivas, promovendo um panorama atual de como estão sendo desenvolvidas como intervenção de cuidado psicossocial, além de propor uma reflexão crítica, fomentando discussões quanto ao ativismo sociopolítico dos terapeutas narrativos nos contextos em que atuam.

Apesar da relevância e das implicações deste estudo, ressalta-se que tal estudo limitou-se a analisar apenas artigos científicos publicados em bancos de dados científicos, não contemplando resumos de congressos e eventos, os quais potencialmente possibilitam que mais pessoas possam narrar suas experiências com as práticas narrativas coletivas, especialmente, pessoas que não são profissionais de saúde mental. Nesse sentido, nota-se, ainda, que os pressupostos de uma revisão da literatura podem não coincidir com o pensamento pós-moderno, baseado nas múltiplas formas de produzir conhecimento. Nesse sentido, é importante reconhecer os limites de um olhar moderno e científico, promovido por uma revisão da literatura, sobre as práticas narrativas coletivas.

Por fim, os resultados do estudo apontam como necessidade de pesquisa futura a realização de entrevistas com pessoas que se utilizam das práticas narrativas coletivas a fim de

abordar compreensões sobre suas práticas e as diferenças destas com a terapia narrativa de grupo.

REFERÊNCIAS

- Abdalla, L. H. & Novis, A. L. (2014). Uh Oh! I have received an unexpected visitor: the visitor's name is chronic disease. A brazilian family therapy approach. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 35, 100–104.
- Barton, P. (2017). Witnessing practices of resistance, resilience and kinship in childbirth: a collective narrative Project. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 36–49.
- Boucher, M. (2009). Finding resiliency, standing tall: exploring trauma, hardship, and healing with refugees. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 43–51.
- Carmichael, L. & Denborough, D. (2015). Listening for alternative stories: narrative practice with vulnerable children and young people in India. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1.
- Caulfield, L. (2021). 'I am more than the violence I survive': reflections from the policing family violence storytelling project. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 76-93.
- Chan, S. (2018). Multiple family narrative practice: in search of family agency for Chinese families of children with dyslexia through externalising documentation. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 43-49.
- Chiu, J. C. T. (2020). Stories and knowledge of responding to hard times: A narrative approach to collective healing in Hong Kong. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 32–'2.

- D'Arrigo-Patrick, J., Hoff, C., Knudson-Martin, C., & Tuttle, A. (2017). Navigating critical theory and postmodernism: social justice and therapist power in family therapy. *Family process*, 56(3), 574–588.
- Denborough, D. (2008). *Práticas narrativas coletivas: trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades que vivenciaram traumas*. (A. Muller, Trad.). Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- Denborough, D. (2012). A storyline of collective narrative practice: a history of ideas, social projects and partnerships. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 40-65.
- Freire, P. (1999). Making history and unveiling oppression (D. Denborough & C. White, interviewers). *Dulwich Centre Journal*, 3, 37–39.
- Haegert, M. C., Rachid M., & Moxley-Haegert L. (2018). Narrative community work in Burundi, Africa: Working with orphaned children and teaching narrative practices to their caregivers. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 40-52.
- Holland, T. (2016). Two-way learning as respectful community practice: honouring, co-creating and facilitating access to the knowledge stories of the Men of the Mimosa Creek Healing Centre. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 31–44.
- Holland, T., Nowland, T., Swan, J., Lord, S., Johnson, J., Dudley A., Langer J., Dang, M. Beazley C. & St Clair, B. (2018). Quiet or Shy when we prefer to be, but always resisting Silencing: A project of multi-storied descriptions and directions. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 36-42.

- Hung, S. S. L. (2011). Collective narrative practice with rape victims in the chinese society of Hong Kong. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 14–31.
- Leger, M. F. (2016). Exploring the bicycle metaphor as a vehicle for rich story development: a collective narrative practice project. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 17–35.
- Lock, S. (2016). The tree of life: a review of the collective narrative approach. *Educational psychology research and practice*, 2(1), 2–20.
- Monk, G., & Gehart, D. R. (2003). Sociopolitical activist or conversational partner? distinguishing the position of the therapist in narrative and collaborative therapies. *Family process*, 42(1), 19–30.
- Morgan, A. (2007). *O que é terapia narrativa? Uma introdução de fácil leitura*. Porto Alegre: Pacartes.
- Moxley-Haegert, L. (2015). Leaving a legacy’ and ‘letting the legacy live’: using narrative practices while working with children and their families in a child palliative care program. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 58-69.
- Ncube, N. (2006). The tree of life project: using narrative ideas in work with vulnerable children in Southern Africa. *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 3–16.
- Nyirinkwaya, S. (2020). Games, activities and narrative practice: enabling sparks to emerge in conversations with children and young people who have experienced hard times. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 35–45.
- Parham, S., Ibrahim, J., & Foxwell, K. (2019). Could the tree of life model be a useful approach for UK mental health contexts? a review of the literature. *Narrative works: issues, investigations, & interventions*, 9(2), 44–70.

- Polanco, M. (2010). University Students Take Action Under the Gaze of ‘the Eye of Success’: A Narrative Collective Initiative. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 59–70.
- Quek, E. S. M. (2017). Presenting the league of parents and small people against pocket kering: debuting the skills and knowledges of those who experience financial difficulties. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 85-98.
- Rasera, E. F & Guanaes-Lorenzi, C. (2021). O terapeuta como produtor de conhecimentos: contribuições da perspectiva construcionista social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 30 (69), 07-16.
- Reid, K. (2008). Dancing our own steps: a queer families’ project. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 61–68.
- Souza, L. V., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Sentidos sobre o/a Psicólogo/a no CRAS na Literatura Científica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 53-72
- Spink, M. J. (2013). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Strauven, S. (2016). Definitional ceremonies as rituals of hospitality. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 1–14.
- Tan, M. (2017). Recipes for life: A collective narrative methodology for responding to gender violence. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 1–12.
- Tse, C. K. H. (2016). Collective narrative practice with young people with Aspergers syndrome who have experienced bullying. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 8–20.
- Uribe, M. S. (2012). Narrative therapy: constructing stories of dignity and resistance with survivors of torture and trauma in Colombia. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 1–10.

- Val, E. R. (2018). Pipa Corporativa: uma ferramenta da terapia narrativa aplicada às famílias empresárias. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 61, 100-119.
- White, M. (2007). *Mapas da prática narrativa*. Porto Alegre: Pacartes.
- White M. & Epston D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- Whyte, W. (2012). Passing hope around: Youth messaging strategies for becoming drug-free. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 34-40.
- Yee, C. (2018). The narrative docket: Facilitating narrative practices with involuntarily referred adolescents. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 4, 10–20.
- Yuen, A. (2011). History re-authored: young men responding to anger, trouble, and hopelessness in urban schools. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3, 3-26.

Parte II

Práticas Narrativas Coletivas: motivações, influências, princípios e metodologias¹²

Collective Narrative Practices: motivations, influences, principles and methodologies

Prácticas Narrativas Colectivas: motivaciones, influencias, principios y metodologías

Resumo

As Práticas Narrativas Coletivas emergiram da necessidade de integrar a abordagem da terapia narrativa a um contexto coletivo. Contudo, a literatura sobre o tema aponta que as motivações e os princípios originais destas práticas nem sempre são considerados, demonstrando-se fundamental tal resgate. Assim, o objetivo deste ensaio teórico é mapear as motivações práticas, influências teórico-técnicas, princípios organizadores e metodologias das Práticas Narrativas Coletivas. A análise conceitual das metodologias permite visualizar as diferentes formas de operacionalização dos princípios organizadores. Além disso, enfatizou a complexidade desta proposta de cuidado psicossocial, a importância de reconhecer a base social do sofrimento humano e buscar uma transformação coletiva e comunitária.

Palavras-chave: terapia narrativa; comunidade; saúde mental.

Abstract

Collective Narrative Practices emerged from the need to integrate the narrative therapy approach into a collective context. However, the literature on the topic points out that the

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado desenvolvida pela primeira autora sob orientação do segundo autor.

² Apoio financeiro: CNPQ.

original motivations and principles of these practices are not always considered, and such a rescue is essential. Thus, the objective of this theoretical essay is to map the practical motivations, theoretical-technical influences, organizing principles and methodologies of Collective Narrative Practices. The conceptual analysis of the methodologies allows visualizing the different ways of operationalizing the organizing principles. In addition, it emphasized the complexity of this psychosocial care proposal, the importance of recognizing the social basis of human suffering and seeking collective and community transformation.

Keywords: narrative therapy; community; mental health.

Resumen

Las Prácticas Narrativas Colectivas surgieron de la necesidad de integrar el enfoque de la terapia narrativa en un contexto colectivo. La literatura sobre el tema señala que no siempre se consideran las motivaciones y principios originales de estas prácticas, demostrando que tal recuperación es fundamental. Así, el objetivo de este ensayo teórico es mapear las motivaciones prácticas, las influencias teórico-técnicas, los principios organizadores y las metodologías de las Prácticas Narrativas Colectivas. El análisis conceptual de las metodologías permite visualizar las diferentes formas de operacionalizar los principios organizadores. Además, enfatizó la complejidad de esta propuesta de atención psicosocial y la importancia de reconocer la base social del sufrimiento humano y buscar la transformación colectiva y comunitaria.

Palavras-chave: terapia narrativa; comunidade; saúde mental.

Práticas Narrativas Coletivas: motivações, influências, princípios e metodologias

As Práticas Narrativas Coletivas emergiram da necessidade de integrar a abordagem da terapia narrativa a um contexto coletivo. A terapia narrativa é uma abordagem pós-moderna, não estigmatizante, que prevê a descentralização dos problemas dos indivíduos. Nesse sentido, ao invés de buscar a etiologia do problema, movimento típico das abordagens modernas, a terapia narrativa propõe a imersão nas histórias trazidas pelos indivíduos e a busca por narrativas alternativas, dando ênfase aos recursos que já estão presentes na experiência, e gerando um espaço para a mudança, para novas formas de agir e de se relacionar. Esse processo concebe as pessoas como especialistas da sua própria vida, reconhecendo suas potencialidades para lidarem com suas dificuldades e promovendo a reautoria (White, 2012; White & Epston, 1990).

Seguindo essas reflexões, David Denborough, terapeuta narrativo australiano, alia suas experiências profissionais, sociais e pessoais e desenvolve, em conjunto com diferentes colaboradores, as Práticas Narrativas Coletivas para serem aplicadas em contextos coletivos (Denborough, 2008; 2018). Assim, buscam ofertar apoio psicossocial a grupos e comunidades que experimentam ou experimentaram significativo sofrimento social em contextos nos quais a terapia pode não ser culturalmente ressonante. Tais práticas foram desenvolvidas em países na maioria dos continentes envolvendo populações como ex-crianças soldados, sobreviventes de genocídios, refugiados e órfãos sobreviventes de contextos de guerras, pessoas em situações de vulnerabilidade social e violência (Ncube, 2006; Abu-Rayyan, 2009; Carmichael, & Denborough, 2015; Denborough, 2006; Sliep, 2005, Uribe, 2012). Com intuito de abordar as dificuldades dos participantes, de forma a não retraumatizá-los e enfatizar suas potencialidades, foram desenvolvidas metodologias que utilizam do conhecimento coletivo para lidar com injustiças, dificuldades e sofrimentos, as quais foram difundidas e utilizadas por terapeutas narrativos no mundo todo.

A literatura sobre as Práticas Narrativas Coletivas aponta que suas metodologias são úteis e de fácil aplicação, sendo passíveis de serem utilizadas em diversas populações e contextos. Porém, uma revisão da literatura sobre tais práticas demonstrou que as motivações e os princípios fundantes destas práticas nem sempre são considerados, havendo um uso, por vezes, tecnicista de suas metodologias (autoria oculta para avaliação por pares). Faz-se necessário, então, o resgate da constituição e dos fundamentos das Práticas Narrativas Coletivas para que assim se estimule o seu uso de forma coerente com sua epistemologia.

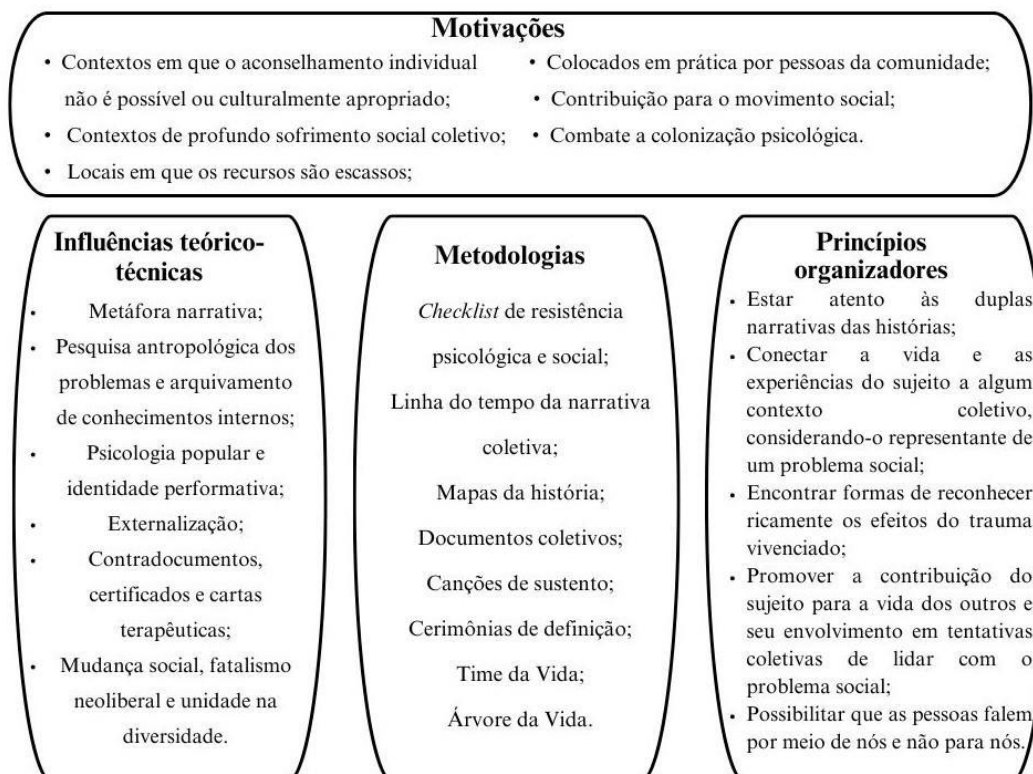
Buscando responder a essa necessidade, o objetivo deste ensaio teórico é mapear as motivações práticas, influências teórico-técnicas, princípios organizadores e metodologias das Práticas Narrativas Coletivas, bem como, explicitar as intersecções das metodologias aos seus conceitos teóricos e técnicos.

MAPEANDO AS PRÁTICAS NARRATIVAS COLETIVAS

Visando alcançar tal objetivo foi realizado o mapeamento das Práticas Narrativas Coletivas a partir de suas motivações, influências teórico-técnicas, metodologias e princípios, conforme a Figura 1. Para tal tarefa, privilegiou-se as contribuições presentes nas obras do seu proponente, David Denborough (2008, 2012, 2018).

Figura 1

Motivações, influências teórico-técnicas, metodologias e princípios organizadores



Motivações

As motivações práticas para o desenvolvimento das Práticas Narrativas Coletivas perpassam o envolvimento de Denborough com o Dulwich Centre³. Ele conta que o envolvimento com projetos sociais do Dulwich Centre, conferências, encontros comunitários, entrevistas com terapeutas narrativos e publicações, gerou aprendizados significativos e foi sensibilizador para o desenvolvimento das Práticas Narrativas Coletivas (Denborough, 2018). A vivência em tais projetos possibilitou visualizar a potencialidade da utilização dos princípios da prática narrativa em contextos coletivos, sendo capaz de abordar e desconstruir discursos sociais dominantes, com potencial de mobilizar ações sociais.

A partir do contato com diferentes comunidades, Denborough, acompanhado por Michael White e Cheryl White, eram solicitados a desenvolver metodologias que atendessem

³ Trata-se de uma instituição voltada para a abordagem narrativa, localizada em Adelaide, na Austrália, envolvida com terapia, trabalho comunitário, treinamento, publicação (ver <https://dulwichcentre.com.au/about/>). Esta é a instituição na qual ele realiza o curso de formação em terapia narrativa e, posteriormente, ao longo de sua jornada profissional, se envolve como editor e coordenador.

as especificidades dos diversos países em que atuavam. Nesse sentido, havia o interesse de difundir as histórias, potenciais e conhecimento das pessoas destas comunidades em prol de outros que igualmente vivenciavam situações de sofrimento e trauma. Baseado no trabalho com comunidades que viveram o genocídio em Ruanda (Denborough, Freedman & White, 2008), Denborough relata o momento que o levaria ao desenvolvimento das Práticas Narrativas Coletivas, guiado pela motivação de responder ao desafio de ofertar cuidado psicossocial em locais de profundo sofrimento social coletivo e de recursos escassos onde a psicoterapia convencional não é possível ou culturalmente ressoante, de tal forma a viabilizar sua prática por pessoas da comunidade, minimizando a colonização psicológica e contribuindo para o movimento social (Denborough, 2012).

Nota-se que tais motivações estão intrinsecamente relacionadas às influências teórico-técnicas e princípios organizadores das Práticas Narrativas Coletivas, que por sua vez, são traduzidos na prática a partir do desenvolvimento de metodologias específicas.

Influências teórico-técnicas das Práticas Narrativas Coletivas

Denborough descreve que as Práticas Narrativas Coletivas se desenvolveram a partir de diferentes ideias, projetos sociais e parcerias (Denborough, 2018). Em 1993, David Denborough estava em busca por abordagens para responder a questões de cultura, gênero e violência que o auxiliassem no trabalho coletivo com pessoas em situação prisional (Denborough, 1995), quando se deparou com o texto “Algumas reflexões sobre os modos de ser dos homens” (White, 1992), texto que o introduziu à terapia narrativa de Michael White e David Epston (1990). A partir de sua leitura da terapia narrativa, algumas ideias se tornaram centrais para o desenvolvimento das Práticas Narrativas Coletivas: “metáfora narrativa”, “pesquisa antropológica de problemas e arquivamento de conhecimentos internos” e “psicologia popular e identidade performativa” que possuem um caráter teórico; e

“externalização dos problemas” e “contradocumentos, certificados e cartas terapêuticas”, que possuem um caráter prático (Denborough, 2012).

Denborough aponta a influência de White e Epston (1990) quanto à ‘metáfora narrativa’ como um processo social no qual as pessoas estabelecem conexões coerentes entre os eventos da sua vida e os narram para si mesmas e para os outros. Nesse processo as pessoas estão construindo narrativas sobre suas experiências, dando um sentido de vida e construindo uma determinada identidade sobre si. A partir disso, tais autores propõem que a terapia narrativa possui o potencial de promover a reautoria destas narrativas, como objetivo de identificar ou gerar histórias alternativas que permitam as pessoas encontrarem novos significados, mais saudáveis e satisfatórios. Ou seja, a metáfora narrativa possibilita uma nova maneira de recontar os eventos que influenciaram o desenvolvimento das experiências das pessoas com seus problemas e possuem o potencial de promover o engajamento destas a explorar elementos e lacunas alternativos na narrativa saturada.

Ele ainda descreve a influência das produções de Epston (2001) quanto ‘a pesquisa antropológica de problemas e arquivamento de conhecimentos internos’ (Denborough, 2012, p. 43), conceitos que dizem respeito à postura do terapeuta de manter-se curioso quanto a pesquisar (com o cliente) os problemas das pessoas e a relação que estabelece com estes, ao passo, que coleta seus conhecimentos internos. Ao longo do seu trabalho, Epston arquivou conhecimentos dos seus clientes e divulgou para pessoas que estavam passando por dificuldades semelhantes, criando redes de clientes que forneciam consulta, informação e apoio uns aos outros. Uma dessas redes resultou na criação da ‘liga da anti-anorexia e anti-bulimia’, uma comunidade de pessoas que visam promover o compartilhamento de estratégias de enfrentamento à anorexia e bulimia (Madigan & Epston, 1995).

Com influência de Bruner (1990), inspira-se no conceito de ‘psicologia popular e identidade performativa’, a qual considera as realidades e identidades das pessoas como

distribuídas pelas comunidades de modo que tais identidades são visíveis através dos modos de expressão coletivas, podendo ocorrer através de rituais, canções, histórias, artes, ente outros.

Denborough inspira-se no conceito de ‘externalização dos problemas’ descritos por White e Epston (1990). Ele se pauta na reflexão de que os problemas foram socialmente construídos, logo, são produtos das relações, da cultura e da história, as quais influenciam nos modos como o significado e as identidades são construídos. Nesse sentido, o objetivo de externalizar os problemas é permitir que as pessoas percebam a sua identidade separada do problema, abrindo espaço para o trabalho de transformação das narrativas e reautoria da identidade.

Os ‘contradocumentos, certificados e cartas terapêuticas’ descritos por White e Epston (1990) propõem que a produção de documentos por uma pessoa permite que essa interprete o papel de protagonista na construção da sua própria identidade, carregando um profundo sentido de reponsabilidade pessoal e capacidade de intervir em sua própria vida e seu relacionamentos. Essa metodologia, inserida nas Práticas Narrativas Coletivas, possui a finalidade de deixar explícito os conhecimentos alternativos locais e populares, a fim de enfatizar os conhecimentos e competências da população, além de permitir a disseminação do material produzido para uma comunidade mais ampla de pessoas.

Além das contribuições da Terapia Narrativa, Denborough relata o impacto das ideias de Paulo Freire em seu modo de pensar. O contato com Freire (1999) e suas obras fez David Denborough refletir sobre a importância de intervenções que priorizassem a contribuição para a ‘mudança social’ e passou a se perguntar: “(...) como podemos responder às histórias de sofrimento social de maneira que não apenas alivie a tristeza individual, mas também permita e sustente a ação social local para lidar com injustiças, violência e abusos mais amplos em nossos vários contextos?” (Denborough, 2012, p. 53)

Embasado nos pensamentos de Freire, Denborough propõe as Práticas Narrativas Coletivas como resposta contra o ‘fatalismo neoliberal’. Segundo Freire (1996), o ‘fatalismo neoliberal’ se refere à incorporação de uma ideologia fatalista que se traduz em uma recusa ao sonho e à utopia. Tal discurso insistiria que não é possível mudar a realidade, resultando nas pessoas comportamentos de adaptação e conformismo frente a um mundo de desigualdades sociais. Para Freire (1996; 2003), o combate a esse discurso fatalista pauta-se na promoção de conscientização e pensamento crítico, o que geraria movimentos de lutas a favor da mudança, sendo que tais lutas passariam pelo fortalecimento das camadas sociais minoritárias.

Para o educador social brasileiro, tal reconhecimento só seria possível gerando a ‘unidade na diversidade’ (Freire, 2015), a partir de movimentos que trabalhem e acentue nas pessoas as semelhanças entre si e não somente as diferenças, ou seja, promovendo conectividade entre as pessoas, apesar das suas diferenças, buscando a unidade através da valorização das diferentes expressões. Nesse sentido, o intuito volta-se para reconhecer as riquezas expressas nas comunidades, sempre promovendo a sua diversidade, se opondo a qualquer forma de julgamento normativo, construindo assim a verdadeira democracia (Freire, 2003).

Apesar de Denborough citar Freire como motivador ao desenvolvimento das Práticas Narrativas Coletivas, nota-se que este não realiza um aprofundamento teórico deste autor em suas leituras da mesma forma que o faz com as postulações da Terapia Narrativa, seu principal foco de estudo e trabalho. Nesse sentido, percebe-se que o David Denborough tem um entendimento particular e específico das leituras de Paulo Freire, não levando em consideração todo o arcabouço teórico produzido por este educador brasileiro.

Princípios organizadores

As Práticas Narrativas Coletivas não apresentam de forma sistematizada procedimentos que devem ser seguidos em toda intervenção. Contudo, a partir de experiências práticas relatadas na literatura e de temas destacados por Denborough (2008, 2018), é possível identificar alguns princípios organizadores para o desenvolvimento das Práticas Narrativas Coletivas, tais como:

a) Estar atento às duplas narrativas das histórias: Embasado por White e Epston (1990), Denborough descreve que os indivíduos categorizam suas experiências ao longo de suas vidas, desenvolvendo narrativas dominantes sobre sua identidade, ao passo que algumas narrativas e experiências são subjugadas. Tais histórias podem ser acessadas através da postura de dupla escuta do terapeuta narrativo, na qual a primeira reconhece e acolhe a dificuldade vivenciada, e a segunda busca pelas histórias alternativas e subordinadas que carregam as estratégias desenvolvidas para lidar com as adversidades. Nesse sentido, ressalta que as pessoas reagem às situações de dificuldades e criam estratégias para minimizar seu sofrimento. Tal potencial de reação pode ser acessado e trabalhado a fim de fortalecer o indivíduo e desenvolver narrativas que promovam o protagonismo.

b) Conectar a vida e as experiências do sujeito a algum contexto coletivo, considerando-o representante de um problema social: Denborough aponta a importância de estar atento para os fatores sociais que perpassam o discurso pessoal trazido pelos participantes, os quais, influenciam suas histórias dominantes. Nesse sentido, considera que a pessoa é representante de um problema social, concepção que traduz as relações de poder presentes nos discursos culturais que estão presentes na construção das relações ao longo da vida dos sujeitos (White & Epston, 1990). Para tal, o terapeuta narrativo visa identificar o problema social que envolve a história dominante dos participantes, conectando-os.

c) Encontrar formas de reconhecer ricamente os efeitos do trauma vivenciado: A partir da dupla escuta, o terapeuta narrativo reconhece potencialidades dos participantes. Segundo

(Denborough, 2008. p. 198), “nosso papel (...) inclui descobrir capacidades, valores, esperanças e sonhos implícitos nos posicionamentos frente às dificuldades, e acessar as histórias destes na vida individual, cultural e comunitária”. Nesse sentido, encontra formas de reconhecer ricamente os efeitos do trauma vivenciado a partir da valorização do conhecimento interno (*insider knowledge*) dos sujeitos, minimizando o papel do *expert* do terapeuta narrativo. As Práticas Narrativas Coletivas identificam que estes são especialistas em suas próprias vidas, legitimando as iniciativas e potenciais pessoais, culturais e comunitárias. Nesse sentido, a influência do terapeuta no contexto das Práticas Narrativas Coletivas envolve ser co-construtor de novas histórias, com propósitos que fazem mais sentido aos indivíduos.

d) Promover a contribuição do sujeito para a vida dos outros e seu envolvimento em tentativas coletivas de lidar com o problema social: Esse princípio busca tornar pública as habilidades reconhecidas pelo sujeito apontando a importância de conectar pessoas que possuem as mesmas dificuldades, promovendo um contexto coletivo para acolhimento e trocas de experiências, além de gerar novas estratégias para lidar com as adversidades. Segundo Denborough (2008, p. 198), após reconhecer e documentar as potencialidades “podemos buscar a plateia que mais ressoará frente a estes temas. Normalmente são indivíduos/grupos que vivenciam dificuldades semelhantes ou que estejam relacionadas ao tema – outras pessoas que são afetadas por questões similares”.

Nota-se que o terapeuta busca romper com as iniciativas individuais de prática terapêutica para potencializar a ação comunitária, assim, atendendo a motivação de serem relevantes em contextos de profundo sofrimento social coletivo. Ainda, aborda a possibilidade de promover a reautoria da identidade do sujeito, no sentido de que esta contribuição para a vida dos outros possui o potencial de transformar a narrativa de vítima para a narrativa de protagonista. Tal experiência carregaria o potencial de reduzir os efeitos do sofrimento na vida da pessoa, pois contribuindo com a vida do outro, pode promover a sensação de que o seu

sofrimento não foi em vão. Ao permitir o envolvimento da pessoa a tentativas coletivas de lidar com o problema social, traz a possibilidade de envolver o participante na elaboração de propostas de ação coletiva ao enfrentamento do problema. Tal princípio permite fortalecer movimentos sociais, além de oportunizar que o contexto das Práticas Narrativas Coletivas forneça o espaço para que esses assuntos sociais mais amplos sejam abordados e desconstruídos.

e) Possibilitar que as pessoas falem por meio de nós e não para nós: Tal princípio atenta para a sensibilidade do terapeuta narrativo quanto a abordagem do participante para relatar sobre suas experiências pessoais. Nesse sentido, ao invés de solicitar que os participantes contem sobre suas experiências para o terapeuta narrativo (para nós), solicita que compartilhem suas experiências e aprendizados para outras pessoas e comunidades que estejam enfrentando as mesmas dificuldades, sendo repassadas adiante através do terapeuta narrativo (por meio de nós). “O foco da conversa não está nas experiências individuais e ela não é direcionada para mim (...) o foco da conversa é a contribuição que esses podem fazer para os outros.” (Denborough, 2008, p. 16). Ressalta que ao situar as razões coletivas, os participantes são estimulados a compartilhar suas experiências.

Considerando esses princípios, David Denborough e colaboradores desenvolvem metodologias para lidar com traumas coletivos em diferentes contextos, compreendidas como Práticas Narrativas Coletivas.

Metodologias

As metodologias originais das Práticas Narrativas Coletivas foram desenvolvidas de forma a ressoar com a cultura local. Tais metodologias narrativas têm como objetivo descrever as habilidades e os conhecimento das pessoas que tenham sofrido traumas e dificuldades, deixando-as visíveis, conectando os participantes e promovendo contribuições entre si

(Denborough, 2008; 2012). Entre essas metodologias, estão: listas de resistência psicológica e social; linhas do tempo da narrativa coletiva e mapas da história; documentos coletivos; canções de sustento; cerimônias de definição; e, metodologias originais de cultura popular, como o Time da Vida (*Team of Life*) e a Árvore da Vida (*Tree of Life*) (Denborough, 2008; 2012).

A lista de resistência psicológica e social foi desenvolvida como uma variação das ferramentas de avaliação de estresse pós-traumático e foi aplicada inicialmente em contexto de conflito armado. Tal lista, que funciona como um *checklist*, contém uma série de comportamentos de enfrentamento à situação traumática, no qual o sujeito deve marcar se realizou esse comportamento uma vez ou mais de uma vez, a fim de reforçar a capacidade de resiliência e evidenciar suas estratégias de enfrentamento. Tal lista deve ser alterada dependendo do contexto e situação vivenciada.

As linhas do tempo da narrativa coletiva e mapas da história foram metodologias desenvolvidas com intuito de promover a “unidade na diversidade” (Freire, 2015), considerando as histórias individuais ao passo que fortalece o contexto coletivo. Os terapeutas narrativos guiam os participantes a reflexões sobre seus potenciais de enfrentamento a um evento traumático, permitindo que contem suas histórias situando lugares, datas e pessoas significativas. Para criar a linha do tempo narrativa coletiva, é desenhada uma linha do tempo em um papel longo, e os participantes vão inserindo nela estas datas e situações marcantes relatadas. Simultaneamente, os indivíduos desenharam, em outro pedaço de papel, um mapa da história, no qual, marcam geograficamente suas histórias. Quando colocado o mapa ao lado da linha do tempo é possível ter uma representação visual dos lugares significativos para os participantes, como uma representação das jornadas individuais e coletivas.

Os documentos coletivos e canções de sustento são metodologias que permitem com que os participantes expressem o enfrentamento às experiências traumáticas vivenciadas,

registrando as estratégias produzidas no contexto coletivo das práticas narrativas coletivas, transformando-as em documentos/canções. Nesse sentido, as metodologias permitem com que os participantes expressem a linguagem do seu mundo interior para um contexto coletivo, promovendo reverberações pessoais e sociais.

Em relação aos documentos coletivos, Denborough traz a importância de considerar quatro temas que viabilizam um material rico para a realização destes documentos: as habilidades que o participante utiliza em tempos difíceis; contar uma história que permite visualizar tal habilidade; refletir sobre a história do desenvolvimento desta habilidade; e, se esta habilidade está vinculada a alguma tradição coletiva (Denborough, 2008, p. 29). Na construção dos documentos coletivos são misturadas as vozes coletivas e individuais, bem como construídos coletivamente o tema e o enredo.

No que se refere às canções de sustento, Denborough relata a necessidade de explorar inicialmente, junto aos participantes, como as músicas servem de suporte na vida destes, e para compor tais canções, o terapeuta narrativo deve considerar que as letras e melodias devem ressoar com a vida dos participantes. Na composição, deve-se atentar para a possibilidade de abordar a dupla história das pessoas, tanto as dificuldades quanto sonhos e habilidades, carregando o potencial de conectar participantes com experiências coletivas.

As cerimônias de definição são descritas por Myerhoff (1982) como autodefinições coletivas que buscam realizar uma interpretação para um público, e utilizadas na Prática Narrativa Coletiva como ‘cerimônias de contribuição’ (Denborough, 2008, p. 58) no sentido de propiciar momentos nos quais os participantes podem fazer contribuições para a vida dos outros, enquanto esses ‘outros’, que servem como ‘testemunhas externas’, são auxiliados ao mesmo tempo que validam o que é trazido pelos participantes. Tais cerimônias, nas Práticas Narrativas Coletivas, também pretendem desenvolver a percepção de ‘unidade na diversidade’, conectando histórias pessoais a um contexto coletivo, além de considerar seu potencial como

ação social. Nesse sentido, o terapeuta narrativo pode criar esses contextos de forma remota, através de troca de mensagens, por exemplo, ou presenciais, nas quais tem o retorno das testemunhas de forma oral.

O ‘Time da Vida’ é uma metodologia criada, originalmente, para o trabalho com ex-soldados-mirins no Sudão e consiste na utilização de metáforas esportivas para acessar as consequências do trauma vivenciado e desenvolver novas perspectivas aos indivíduos. Essa metodologia não especifica a quantidade de participantes e duração de tempo, podendo ocorrer em espaços informais (como campos de futebol) e pode ser desenvolvida em um encontro, dividindo-a em cinco etapas (Denborough, 2008), nas quais o terapeuta narrativo: questiona os participantes sobre características positivas do futebol e jogadores que ressoam ao indivíduo, refletindo se este utiliza (e de que forma utiliza) essas mesmas características no seu cotidiano; promove um levantamento da rede de apoio social do participante; aprofunda as histórias de sucesso dos participantes, propondo reflexões quanto suas perspectivas de futuro; e conduz diálogos permitindo que os participantes compartilhem suas habilidades com outras pessoas que enfrentam dificuldades semelhantes.

A ‘Árvore da Vida’ foi uma metodologia criada em parceria com Ncazelo Ncube, originalmente, para o trabalho com crianças vulneráveis em contextos coletivos no Zimbábue, na África (Ncube, 2006; Denborough, 2008), com intuito de abordar as consequências advindas do trauma, porém de forma a não retraumatizá-las. Ela utiliza uma metáfora advinda de recursos naturais e pode ser desenvolvida em um encontro, dividindo-a em quatro etapas (Ncube, 2006; Denborough, 2008; Denborough, 2018), intituladas ‘árvore da vida’, ‘floresta da vida’, ‘quando as tempestades chegam’ e ‘certificados e músicas’.

Posteriormente, trabalhadores narrativos desenvolveram variações para as metodologias ‘Árvore da Vida’ e ‘Time da Vida’ a fim de ressoar com a população e o contexto em que atuavam. Nesse sentido, foram derivadas algumas metodologias, como a ‘Pipa da Vida’

(Denborough, 2010), ‘Bicicleta da Vida’ (Leger, 2016), ‘Despensa da Vida’ (Abdalla & Novis, 2014), ‘Receitas da Vida’ (Wood, 2012), entre outras.

INTERSECÇÃO ENTRE AS METODOLOGIAS, SEUS PRINCÍPIOS ORGANIZADORES E INFLUÊNCIAS TEÓRICO-TÉCNICAS

Buscando dar visibilidade em como os princípios organizadores e influências teórico-técnicas se operacionalizam na prática cotidiana, resgatando sua complexidade epistemológica e política, será analisada uma das metodologias das Práticas Narrativas Coletivas mais difundidas, a “Árvore da Vida” (Lock, 2016; Parham et al, 2019). Assim, a partir da descrição das diferentes etapas da metodologia, na Figura 2 são identificados os princípios e conceitos que as orientam.

Figura 2

Metodologia Árvore da Vida: Etapas, princípios e influências teórico-técnicas



Na primeira etapa, intitulada “Árvore da Vida”, é fornecido o material necessário (lápis de cor e folhas de papel) ao grupo e solicita-se que os sujeitos desenhem, de forma individualizada, a sua ‘árvore da vida’. Inicialmente, solicita-se que cada sujeito imagine qual tipo de árvore representa sua vida e após esse passo, solicita-se o desenho da árvore, que ocorre em momentos, sendo que cada um deles abrange uma oportunidade dialógica com os sujeitos. As ‘raízes’ devem representar a família de origem e as pessoas que auxiliaram o sujeito a desenvolver-se como pessoa e nesse momento o terapeuta pode estimular diálogos sobre suas origens culturais, familiares e sociais. O ‘chão’ deve representar o presente, sendo que esse momento permite identificar em quais atividades o sujeito está envolvido no cotidiano. O ‘tronco’ abrange as habilidades que são utilizadas para enfrentar situações tanto no presente quanto no passado, e envolve diálogos que estimulem a identificação de estratégias que o sujeito desenvolveu ao longo do tempo. Durante esse processo, os terapeutas podem fazer perguntas sobre as histórias dessas habilidades, com quem as aprendeu, devendo tais memórias ser registradas na árvore. Os ‘galhos’ devem representar desejos, sonhos e esperanças que o sujeito cultiva na sua vida, havendo questionamentos sobre como o sujeito mantém vivos os seus desejos e sonhos. As ‘folhas’ devem representar as pessoas importantes em sua vida, as quais podem estar vivas ou já ter falecido, permitindo conversar sobre momentos positivos e especiais vividos com essas pessoas, a fim de valorizar esses relacionamentos. E, por fim, as ‘frutas’ devem representar presentes materiais ou imateriais que foram dados aos sujeitos, momento no qual pode ser explorada a admiração pelas qualidades que o sujeito possui que estimularam a receber esse presente. Esta etapa pode ser realizada em um encontro, em cerca de 20 minutos, sendo que após o término do desenho individualizado das árvores solicita-se que todos os participantes do grupo se reúnam para iniciar a segunda etapa.

Nesta primeira etapa, é visível a aplicação do princípio “estar atento às duplas narrativas das histórias”, no sentido em que o terapeuta narrativo incentiva diálogos com intuito de

reconhecer e acolher a dificuldade vivenciada, ao mesmo tempo que busca pelas histórias alternativas que carregam as estratégias desenvolvidas para lidar com as adversidades. A partir dessa atenção, é possível identificar o princípio de “encontrar formas de reconhecer ricamente os efeitos do trauma vivenciado” a partir da valorização do conhecimento interno (*insider knowledge*) dos sujeitos, estimulando os participantes a documentarem suas habilidades e potencialidades que foram mapeadas, através da confecção da Árvore da Vida. Nesta primeira etapa, o princípio de “possibilitar que as pessoas falem por meio de nós e não para nós” é utilizado como forma de mobilizar os participantes a trazerem sobre suas experiências, sendo que este princípio também é utilizado nas demais etapas.

A segunda etapa, intitulada “Floresta da Vida”, traz a produção individual das árvores para o contexto coletivo, de modo que essas produções podem ser coladas umas ao lado das outras, resultando na confecção de uma floresta. Nesse momento, solicita-se para os sujeitos compartilharem voluntariamente com o grupo a história das suas árvores. O terapeuta narrativo estimula conversações promovendo o reconhecimento destas histórias e abrangendo todos os aspectos registrados na árvore, discutindo as diferenças e similaridades nas árvores (indivíduos) e registrando que estas pertencem a mesma floresta (grupo social/comunidade). Ao término desse momento, que pode variar quanto à duração de tempo considerando ao número de participantes, pode ser realizado um intervalo antes de prosseguir para a próxima etapa. Na segunda etapa, é possível perceber a utilização do princípio “conectar a vida e as experiências do sujeito a algum contexto coletivo, considerando-o representante de um problema social”, no sentido em que o terapeuta narrativo estimula diálogos a fim de conectar as histórias individuais a um contexto coletivo para promover acolhimento e trocas de experiências.

A terceira etapa, intitulada “Quando as tempestades chegam”, possibilita a fala coletiva sobre as dificuldades que enfrentam e/ou enfrentaram, de modo que o terapeuta inicia a discussão questionando se as árvores e florestas estão livres do perigo, expandindo a metáfora

para possíveis riscos que podem ser vivenciados pelos sujeitos, promovendo o diálogo entre o grupo. Posteriormente, conduz a discussão para os efeitos dos problemas na vida, identificando-os. Após a nomeação das tempestades da vida e traçar seus efeitos, conduzem a discussão para formas de reação frente a estas, estimulando o compartilhamento de conhecimentos. Após essa discussão, separam-se os sujeitos em grupos para refletir sobre três questões: “as tempestades estão sempre presentes em nossas vidas? Será que nossa vida fica, de vez em quando, livre das tempestades? O que fazemos quando as tempestades passam?” (Denborough, 2008, p. 88). Após este momento, solicita-se que os sujeitos voltem ao grupo maior para compartilhar sua discussão.

A quarta etapa, intitulada ‘Certificados e músicas’, propõe a distribuição de documentos e rituais de celebração coletivos. Tais certificados podem ser confeccionados previamente pelo terapeuta narrativo após a realização individual da primeira etapa e podem especificar conteúdos emergentes na confecção da árvore da vida. Este momento de entrega de certificados envolve a participação de pessoas da comunidade em rituais de celebração e cerimônias de definição. Nas terceiras e quarta etapas, o terapeuta narrativo mantém os princípios descritos nas etapas anteriores, bem como, atua a partir do princípio “promover a contribuição do sujeito para a vida dos outros e seu envolvimento em tentativas coletivas de lidar com o problema social”, instigando o movimento individual para o contexto coletivo, estimulando tal movimento nos sujeitos ao passo que fortalece o senso de pertencimento comunitário.

Nota-se que as influências teórico-técnicas da terapia narrativa a partir dos conceitos de ‘metáforas narrativas’, ‘pesquisa antropológica de problemas e arquivamento de conhecimentos internos’, ‘psicologia popular e identidade performativa’, ‘externalização dos problemas’ e ‘contradocumentos, certificados e cartas terapêuticas’ (Denborough, 2012) estão presentes, de forma indissociável, na realização das quatro etapas da metodologia.

A ‘metáfora narrativa’ é utilizada na condução dos diálogos nas quatro fases da metodologia, nos quais o terapeuta narrativo abre espaço para ouvir as narrativas individuais e coletivas dos participantes, buscando narrativas alternativas àquelas saturadas de problemas, abrindo espaço para o trabalho de transformação e reautoria da identidade. Percebe-se que a influência da ‘pesquisa antropológica de problemas e arquivamento de saberes alternativos’ é visível em todas as etapas na condução dos diálogos pelo terapeuta narrativo quando valoriza os conhecimentos internos (*insider knowledge*) dos participantes minimizando seu papel de *expert*. Nota-se que a todo momento o terapeuta narrativo promove questionamentos aos participantes com intuito de buscar histórias e reflexões destes acerca das dificuldades vivenciadas e dos recursos possíveis para superá-los, fortalecendo momentos de produção de conhecimento pelo grupo.

Em relação a ‘psicologia popular e identidade performativa’, percebe-se que a própria criação desta metáfora específica inspirada em elementos naturais foi elaborada a fim de ressoar com a cultura da comunidade com a qual trabalhavam. Além disso, pode ser observada tal influência na última etapa da metodologia na qual há um encerramento com a elaboração de rituais, canções, histórias, artes, entre outros, que igualmente ressoam com os costumes da comunidade para a qual tal metodologia foi desenvolvida.

Já a ‘externalização dos problemas’ é utilizada pelo terapeuta narrativo tanto na construção dos desenhos da Árvore da Vida quanto na condução dos diálogos, nos quais, fica visível o movimento de externalizar os problemas, permitindo a percepção dos problemas dos sujeitos separados das suas identidades, a fim de abordar as dificuldades vivenciadas pelos sujeitos, porém, de forma a não retraumatizá-los. Os ‘contradocumentos, certificados e cartas terapêuticas’ são identificados principalmente na quarta etapa quando os certificados são concedidos aos participantes, os quais atestam as habilidades e competências utilizadas para superar os momentos de dificuldades vivenciados. Tal influência é observada enquanto

cerimônia de definição na última fase quando há o envolvimento de pessoas na comunidade para prestigiarem a entrega dos certificados aos participantes. Para além dessa etapa e considerando a própria atividade de construir a Árvore da Vida, é importante reconhecer que os desenhos feitos pelos participantes constituem contradocumentos que atestam a força e a potencialidade da comunidade vulnerabilizada pelo trauma coletivo.

Em relação às influências teóricas de Freire, nota-se motivação intrínseca de mudança social a partir dos movimentos do terapeuta narrativo no contexto coletivo, desenvolvendo e fortalecendo o trabalho grupal e comunitário no sentido de combate ao ‘fatalismo neoliberal’. Além disso, a ‘unidade na diversidade’, segundo a interpretação de Denborough acerca de Paulo Freire, é possível de ser promovida por meio da conexão das Árvores da Vida, transformando-as na Floresta da Vida, movimento no qual o terapeuta promove a união dos sujeitos valorizando as suas diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs retomar o histórico das Práticas Narrativas Coletivas a partir de um ensaio teórico sobre suas motivações, influências, princípios organizadores e metodologias originais, além de demonstrar a integração dos conceitos teóricos com a prática a partir da análise de uma das suas metodologias.

Como resultado, tal ensaio teórico clarifica a proposta de cuidado psicossocial, reconhecendo a sua complexidade e contribuição enquanto utilização da terapia narrativa em contextos coletivos. Além disso, ele aponta como as Práticas Narrativas Coletivas apresentam fundamentos e metodologias que explicitam a busca de transformação das comunidades e coloca-se, assim, como uma proposta que questiona as fronteiras entre o individual e o social, o trabalho terapêutico e comunitário, entre a clínica e a política.

Por fim, ressalta-se que este ensaio limitou-se a uma análise teórico-prática interna das Práticas Narrativas Coletivas. Nesse sentido, se faz pertinente a realização de estudos futuros que abarquem uma análise das semelhanças e diferenças com outras práticas de atendimento às pessoas que vivenciam/vivenciaram situações de traumas coletivos.

REFERÊNCIAS

- Abdalla, L. H. & Novis, A. L. (2014). Uh Oh! I have received an unexpected visitor: the visitor's name is chronic disease. A brazilian family therapy approach. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 35, 100–104.
- Abu-Rayyan, N. (2009). Seasons of life: Ex-detainees reclaiming their lives. *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 24-40.
- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press.
- Carmichael, L. & Denborough, D. (2015). Listening for alternative stories: narrative practice with vulnerable children and young people in India. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1.
- Denborough, D. (1995). Step by step: Developing respectful and effective ways of working with young men to reduce violence. *Dulwich Centre Newsletter*, (2, 3), 73–89.
- Denborough, D. (2006). *Trauma: Narrative responses to traumatic experience*. Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- Denborough, D. (2008). *Práticas narrativas coletivas: trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades que vivenciaram traumas*. (A. Muller, Trad.). Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- Denborough, D., Freedman, J. & White, C. (2008). *Strengthening resistance: the use of narrative practices in working with genocide survivors*. Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.

- Denborough, D. (2010). *Kite of Life: From intergenerational conflict to intergenerational alliance*. Adelaide, Australia: Dulwich Centre Foundation.
- Denborough, D. (2012). A storyline of collective narrative practice: a history of ideas, social projects and partnerships. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 40-65.
- Denborough, D. (2018). *Do you want to hear a story? Adventures in collective narrative practice*. Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- Epston, D. (1986). *Writing your history: Family therapy case studies*. Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- Epston, D. (2001). Anthropology, archives, co-research and narrative therapy. In D. Denborough (Ed.), *Family therapy: Exploring the field's past, present and possible futures* (pp.177–182). Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1999). Making history and unveiling oppression (D. Denborough & C. White, interviewers). *Dulwich Centre Journal*, 3, 37–39.
- Freire, P. (2003). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2015). Anotações sobre unidade na diversidade. In P. Freire (Ed.), *Política e Educação* (p. 37-42). São Paulo: Paz e Terra.
- Leger, M. F. (2016). Exploring the bicycle metaphor as a vehicle for rich story development: a collective narrative practice project. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 17–35.
- Lock, S. (2016). The tree of life: a review of the collective narrative approach. *Educational psychology research and practice*, 2(1), 2–20.

- Madigan, S. & Epston, D. (1995). From 'spy-chiatric' gaze to communities of concern: From professional monologue to dialogue. In S. Friedman (Ed.), *The reflecting team in action: Collaborative practice in family therapy* (pp. 257-276). Nova Iorque: Guilford Publication.
- McLeod, J. (1997). *Narrative and psychotherapy*. London, UK: Sage.
- Myerhoff, B. (1982). Life history among elderly: performance, visibility, and re-memembering. In J. Ruby (Ed.), *A crack in the mirror: reflective perspectives in anthropology* (pp. 90-117). Filadélfia: Universidade da Pensilvânia.
- Ncube, N. (2006). The tree of life project: using narrative ideas in work with vulnerable children in Southern Africa. *International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 3–16.
- Parham, S., Ibrahim, J., & Foxwell, K. (2019). Could the tree of life model be a useful approach for UK mental health contexts? a review of the literature. *Narrative works: issues, investigations, & interventions*, 9(2), 44–70.
- Uribe, M. S. (2012). Narrative therapy: constructing stories of dignity and resistance with survivors of torture and trauma in Colombia. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 1–10.
- White M. & Epston D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- White, M. (1992). Men's culture, the men's movement, and the constitution of men's lives. *Dulwich Centre Newsletter*, 3&4, 33–53.
- White, M. (2012). *Mapas da prática narrativa*. Porto Alegre: Pacartes.
- Wood, N. R. (2012). Recipes for life. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 2, 1-10.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas trazidas nesta dissertação buscaram aprofundar o conhecimento acerca das Práticas Narrativas Coletivas, práticas que apresentam relevância teórico-metodológica e social ao apresentarem o potencial de ofertar cuidado psicossocial não patologizante a população em situação de profundo sofrimento social em contextos nos quais a psicoterapia tradicional não é culturalmente ressoante ou existente, práticas que rompem o espaço delimitado das paredes do consultório clínico e caminham em direção ao trabalho comunitário, promovendo a socialização da prática do terapeuta narrativo e fortalecimento de movimentos coletivos.

O estudo de revisão de literatura demonstrou que as Práticas Narrativas Coletivas são difundidas mundialmente e demonstram eficácia enquanto cuidado psicossocial, porém, são desenvolvidas por coordenadores, contextos e populações diferentes das originalmente propostas, de modo que o desenvolvimento destas práticas se aproximam da terapia narrativa em grupo, observando-se a necessidade de aprimorar intervenções que visem o enfrentamento coletivo e a transformação social visando superar a utilização tecnicista de suas metodologias. Neste sentido, tal estudo indicou um distanciamento dos princípios e fundamentos das práticas narrativas coletivas, associado ao desinvestimento de trabalhos de empoderamento e fortalecimento comunitário.

Caminhando em direção a tal problema de pesquisa, o ensaio teórico posterior buscou promover um resgate da constituição e dos fundamentos das Práticas Narrativas Coletivas a fim de promover embasamento necessário para que seu uso seja realizado de forma coerente com sua epistemologia. Para tal, foi realizado o mapeamento das motivações práticas, influências teórico-técnicas, princípios organizadores e metodologias das Práticas Narrativas

Coletivas, bem como, explicitada as intersecções das metodologias aos seus conceitos teóricos e técnicos.

A contribuição científica da análise, pesquisa e disseminação de conteúdos acerca das Práticas Narrativas Coletivas realizadas a partir destes dois estudos possuem o potencial de auxiliar os profissionais a refletirem sobre formas alternativas, não patologizantes de prática profissional, além de promover a mudança e transformação social junto a diversas populações. Nesse sentido, estas pesquisas apresentam um panorama complexo sobre como os terapeutas narrativos utilizam as Práticas Narrativas Coletivas em contexto de cuidado psicossocial, apresentando uma reflexão crítica sobre as consequências destas intervenções atuais, além de ofertar um resgate e sistematização didática dos seus conceitos teórico-práticos, esclarecendo a aspirantes e terapeutas narrativos um embasamento para o desenvolvimento coerente de tais práticas.

Apesar da relevância e das implicações destas pesquisas, ressalta-se que, em relação à literatura científica, tal estudo limitou-se a analisar artigos científicos publicados em bancos de dados científicos, não contemplando resumos de congressos e eventos, os quais potencialmente possibilitam que mais pessoas possam narrar suas experiências com as Práticas Narrativas Coletivas, especialmente, pessoas que não são profissionais de saúde mental. Nesse sentido, nota-se, ainda, que os pressupostos de uma revisão da literatura podem não coincidir com o pensamento pós-moderno, baseado nas múltiplas formas de produzir conhecimento. Nesse sentido, é importante reconhecer os limites de um olhar moderno e científico promovido por uma revisão da literatura sobre as práticas narrativas coletivas.

Por fim, os resultados dos estudos apontam como necessidade de pesquisas futuras a realização de entrevistas com pessoas que utilizam as Práticas Narrativas Coletivas a fim de abordar compreensões sobre suas práticas e as diferenças destas com a terapia narrativa de grupo; revisão sistemática da literatura a respeito de terapia narrativa em grupo, ampliando por

esse ângulo o debate realizado nessa pesquisa; estudos teóricos sobre os fundamentos das Práticas Narrativas Coletivas, especialmente, a aproximação das Práticas Narrativas Coletivas com as obras de Paulo Freire, de forma crítica e contextualizada; bem como, estudos que abarquem uma análise das semelhanças e diferenças com outras práticas de atendimento às pessoas que vivenciam/vivenciaram situações de traumas coletivos, situando as Práticas Narrativas Coletivas nesse campo de conhecimento e prática profissional.

ANEXOS

Psicologia Clínica

Submissões

Fila 1ArquivosAjuda

Minhas Submissões Designadas

QBuscarFiltrosNova Submissão

24606Romite et al.

Práticas narrativas coletivas ou terapia narrativa em grupo?: uma revisão da literatura

SubmissãoVisualizar

Psicologia Clínica

#navigation.backTo##

24606 / Romite et al. / Práticas narrativas coletivas ou terapia narrativa em grupo?: uma revisão da literaturaBiblioteca da Submissão

Fluxo de TrabalhoPublicação

SubmissãoAvaliaçãoEdição de TextoEditoração

Arquivos da Submissão

QBuscar

▶111501Artigo1 versão para revista.docxDecember 21, 2022Texto do Artigo

▶111503Carta de encaminhamento.docxDecember 21, 2022Outros

▶111504Folha de rosto identificada.docxDecember 21, 2022Outros

Baixar Todos os Arquivos

Discussão da pré-avaliaçãoAdicionar comentários

Nome	De	Última resposta	Respostas	Fechado
Nenhum item				

A2 - Comprovante de submissão do artigo “Práticas Narrativas Coletivas: motivações, influências, princípios e metodologias” realizado na data 26/06/2023 na Revista Psicologia e Saúde (ISSN 2177-093X) de Qualis A3 (avaliação de periódico quadriênio 2017-2020) e Qualis B2 (avaliação de periódico quadriênio 2013-2016).

[PSSA] Agradecimento pela Submissão Caixa de entrada x



Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Psicologia via Psicologia e Saúde <pen-bounces@emnuvens.com.br>
para mim ▾

10:33 (há 0 minuto) ☆ ↶ ⋮

Paula Romite,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "Práticas Narrativas Coletivas: motivações, influências, princípios e metodologias" para Revista Psicologia e Saúde. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito: <https://www.pssa.ucdb.br/pssa/authorDashboard/submission/2445>
Login: paularomite

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email. Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Psicologia
Psicologia e Saúde <http://www.gpec.ucdb.br/pssa/index.php/pssa>

↶ Responder

↷ Encaminhar

Revista Psicologia e Saúde



← Back to Submissões

Submeter um artigo

1. Início 2. Transferência do manuscrito 3. Inserir metadados 4. Confirmação 5. Próximos Passos

Submissão completa

Obrigado pelo seu interesse em publicar com Revista Psicologia e Saúde.

O que acontece a seguir?

O periódico foi notificado de sua submissão e uma mensagem de confirmação foi enviada para o seu e-mail cadastrado. Assim que um dos editores revisar sua submissão, ele entrará em contato.

Por enquanto, você pode:

- [Revisar esta submissão](#)
- [Criar uma nova submissão](#)
- [Voltar para seu painel](#)